



A persistência da memória (1931), de **Salvador Dalí**.

Imagens In-Visíveis / Descrições Tácteis de Obras de Arte

Movimento de Expressão Fotográfica

Texto contínuo, descritivo da imagem, dividido por zonas visuais (superior direita, inferior, etc.), descrito de forma pormenorizada, pensado para ser usado na interpretação da versão tátil da imagem “A persistência da memória” de Salvador Dalí (1931).

Começando no canto superior direito, vê-se uma grande falésia rochosa que ocupa toda a parte direita do horizonte. As rochas têm formas onduladas e sobrepostas, como se fossem várias camadas de pedra moldadas pelo tempo. As linhas das falésias são irregulares e alternam entre curvas suaves e recortes marcados. A parte superior da falésia é mais alta, descendo gradualmente até o centro da imagem, onde toca o horizonte. Acima das rochas, o céu é amplo e liso, sem relevo, e vai clareando de um azul suave no topo para um amarelo pálido próximo à linha do mar. A linha do horizonte é reta e bem definida, separando o céu do mar.

Seguindo para o centro superior da imagem, o mar aparece como uma faixa estreita e muito lisa, sem ondulações, simbolizando uma superfície calma. Logo abaixo, há uma faixa de areia ou planície desértica, de textura igualmente lisa, que se estende para frente até o meio da composição. No meio, ligeiramente à esquerda, há uma estrutura retangular, semelhante a uma plataforma ou mesa de pedra, com ângulos retos bem marcados.

No canto superior esquerdo, de textura preenchida, ergue-se o tronco e uma árvore sem folhas, com um galho grosso estendido horizontalmente para a direita. Este galho sustenta um dos relógios derretidos. O relógio está dobrado ao meio, como se fosse feito de tecido mole, e pende parcialmente para a frente do galho. Os números 3 a 6 são perceptíveis e os ponteiros marcam um horário aproximado das seis horas. Da extremidade baixa do relógio, à esquerda, uma pequena esfera metálica pende como se fosse um pêndulo, sugerindo o peso do tempo que se derrete.

Descendo para a zona média esquerda, sobre a mesma estrutura retangular que apoia o tronco da árvore, há outro relógio mole, deitado horizontalmente. Este

relógio escorre pelas bordas da plataforma, com a forma distorcida, e os números e ponteiros parecem escorregar junto com ele. Sobre a sua superfície, há um pequeno inseto, indicada por um pequeno relevo oval com asas curtas. Ao lado, um pouco mais à para baixo, encontra-se um terceiro relógio, achatado e de cor mais clara, quase alaranjado, coberto por diversos pontos em relevo que representam formigas espalhadas sobre ele - um detalhe que simboliza a decomposição e o passar do tempo.

No centro da imagem encontra-se a forma mais marcante: uma figura amorfa e derretida, deitada no chão, lembrando um corpo adormecido ou deformado. O contorno é irregular, com uma textura pontilhada e suave. A parte direita desta forma tem um nariz alongado, como se fosse um rosto visto de perfil. Sobre essa figura repousa outro relógio derretido, menor e curvado, com os ponteiros e números menos perceptíveis, indicando os números 10, 11, 12, 1 e 2. Agarrada a esse relógio há uma pequena forma circular pendurada, parecida com uma chave de corda ou um botão de relógio.

O canto inferior direito da imagem é vazio, composto apenas por uma superfície lisa e plana que representa o chão árido, continuando até ao topo, encontramos novamente as falésias. O relevo em todo este lado da imagem é imperceptível, apenas servindo para indicar uma continuidade da planície.

Em torno da imagem, há uma moldura fina.

*A interpretação e descrição táctil desta imagem foi desenvolvida no âmbito do projeto *Imagens In-Visíveis*, uma iniciativa do Movimento de Expressão Fotográfica (MEF), com o objectivo de promover a acessibilidade à arte através da exploração multissensorial da imagem e da fotografia.*

A persistência da memória (1931), de **Salvador Dalí**.

